

Hinematau HINEMATAU

HINEMATAU MCNEILL - TAPUIKA, NGĀTI MOKO

Auckland University of Technology

<https://orcid.org/0000-0003-2604-7715>

Professor Hinematau McNeill is Tapuika, Ngāti Moko and has always maintained active involvement in Māori communities, which informs her research. As a Treaty negotiator for her tribe, she was responsible for the historical portfolio. Tapuika settled with the Crown in 2014. One of the first Māori woman appointed to a national governance role in Women's Refuge. Hinematau was also invited to the prestigious Iwi Leaders Forum. She has an interest in artistic practice-led research that has afforded emerging scholars to operate creatively in a way that values and acknowledges indigenous epistemologies and ways of working. She believes that when indigenous knowledge is truly valued, it is not only a decolonising force, but can enrich our collective lived experience.

HOW TO QUOTE (APA7):

MacNeill, H., D. (2022). Urupā Tautaiāo: Revitalising ancient customs and practices for the modern world. In M. Mortensen Steagall and S. Nesteriuk (Eds.) *Proceedings of LINK 2022 4th Edition of the International Conference of Practice and Research in Design & Global South Vol.3 No.1* (pp. 45-48). DOI: <http://dx.doi.org/10.24135/link2022.v3i1.178>

Video
Presentation



Urupā Tautaiiao: Revitalising ancient customs and practices for the modern world

Keywords

Decolonising design; Indigenous design; Ngāti Moko; Maori Knowledge; Urupā tautaiiao (natural burials).

This urupā tautaiiao (natural burials) research is a Marsden funded project with a decolonising agenda. It presents a pragmatic opportunity for Māori to re-evaluate, reconnect, and adapt ancient customs and practices for the modern world. The design practice output focus is the restoration of existing graves located in the urupā (burial ground) of the Ngāti Moko, a hapū (subtribe) of the Tapuika tribe that occupy ancestral land in central North Island of New Zealand. In preparation for the gravesite development, a series of hui a hapū (tribal meetings) were held to engage and encourage participation in the research. The final design, which honours pre-contact customary practices, involved collaboration between the tribe, an ecologist, and a landscape architect. Hui a hapū included workshops exploring ancient burial practices. Although pre-contact Māori interred the dead in a variety of environmentally sustainable ways, funerary practices have dramatically shifted due to colonisation. Consequently, Māori have adopted environmentally damaging European practices that includes chemical embalming, concrete gravestones, and water and soil pollution. Mindful of tribal diversity, post-colonial tangihanga (customary Māori funerals) incorporate distinctively Māori and European, customary beliefs and practices. Fortuitously, they have also retained the essence of tūturu (authentic) Māori traditions that reinforce tribal identity and social cohesion. Tūturu traditions are incorporated into the design of the gravesite. Surrounded by

conventional gravestones, and using only natural materials, the gravesite aspires to capture the beauty of nature embellished with distinctively Māori cultural motifs. Low maintenance native plants are intersected with four pou (traditional carvings) that carry pūrākau (Māori sacred narratives) of life and death. This dialectical concept is accentuated in the pou depicting Papatūānuku (Earth Mother). Etched into her womb is a coiled umbilical cord referencing life. Reminding us that, although in death we return to her womb, it is also a place that nurtures life. Hoki koe ki a Papatūānuku, ki te kōpū o te whenua (return to the womb of Papatūānuku) is often heard during ritual speeches at tangihanga. The pou also commemorates our connection to the gods. According to Māori beliefs, the primeval parents Papatūānuku (Earth) and Ranginui (Sky) genealogically link people and the environment together through whakapapa (kinship). Whakapapa imposes on humankind, kaitiakitanga (guardianship), responsibility for the wellbeing of the natural environment. In death, returning to Papatūānuku in a natural way, gives credence to kaitiakitanga. This presentation focuses on a project that encourages Māori to embrace culturally compatible burials that are affordable, environmentally responsible, and visually aesthetic. It also has the potential to encourage other indigenous communities to explore their own alternative, culturally unique and innovative ways to address modern death and burial challenges.

Urupā Tautaiiao: Revitalizando costumes e práticas antigas para o mundo moderno

Palavras Chave:

Design descolonizador; Design indígena; Ngāti Moko; Conhecimento Maori; Urupā tautaiiao.

Esta pesquisa de urupā tautaiiao (enterros naturais) é um projeto financiado por Marsden com uma agenda de descolonização. Apresenta uma oportunidade pragmática para Māori reavaliar, reconectar e adaptar costumes e práticas antigas para o mundo moderno. O foco da prática de design é a restauração de sepulturas existentes localizadas no urupā (cemitério) do Ngāti Moko, um hapū (subtribo) da tribo Tapuika que ocupa terras ancestrais no centro da Ilha Norte da Nova Zelândia. Em preparação para o desenvolvimento do túmulo, uma série de hui a hapū (reuniões tribais) foi realizada para engajar e encorajar a participação na pesquisa. O projeto final, que homenageia as práticas costumeiras pré-contato, envolveu a colaboração entre a tribo, um ecologista e um arquiteto paisagista. Hui a hapū incluiu oficinas explorando antigas práticas funerárias. Embora os Māori pré-contato enterrassem os mortos de várias maneiras ambientalmente sustentáveis, as práticas funerárias mudaram drasticamente devido à colonização. Consequentemente, os Māori adotaram práticas europeias prejudiciais ao meio ambiente, que incluem embalsamamento químico, lápides de concreto e poluição da água e do solo. Conscientes da diversidade tribal, os tangihanga pós-coloniais (funerais Māori habituais) incorporam crenças e práticas distintivamente Māori e europeias. Felizmente, eles também mantiveram a essência das tradições māori tūturu (autênticas) que reforçam a identidade tribal e a coesão social. As tradições Tūturu são incorporadas ao design do túmulo.

Cercado por lápides convencionais e usando apenas materiais naturais, o túmulo pretende capturar a beleza da natureza embelezada com motivos culturais distintamente Māori. Plantas nativas de baixa manutenção são cruzadas com quatro pou (entalhes tradicionais) que carregam pūrākau (narrativas sagradas Māori) de vida e morte. Este conceito dialético é acentuado no pou representando Papatūānuku (Terra Mãe). Gravado em seu ventre está um cordão umbilical enrolado referenciando a vida. Lembrando-nos que, embora na morte voltemos ao seu ventre, é também um lugar que nutre a vida. Hoki koe ki a Papatūānuku, ki te kōpū o te whenua (retorno ao ventre de Papatūānuku) é frequentemente ouvido durante discursos rituais em tangihanga. O pou também comemora nossa conexão com os deuses. De acordo com as crenças Māori, os pais primordiais Papatūānuku (Terra) e Ranginui (Céu) ligam genealogicamente as pessoas e o meio ambiente através de whakapapa (parentesco). Whakapapa impõe à humanidade, kaitiakitanga (tutela), a responsabilidade pelo bem-estar do ambiente natural. Na morte, retornar a Papatūānuku de forma natural, dá crédito a kaitiakitanga. Esta apresentação se concentra em um projeto que incentiva os Māori a adotar enterros culturalmente compatíveis que sejam acessíveis, ambientalmente responsáveis e visualmente estéticos. Também tem o potencial de encorajar outras comunidades indígenas a explorar suas próprias formas alternativas, culturalmente únicas e inovadoras de enfrentar os desafios modernos da morte e do enterro.

Urupā Tautaiāo: Revitalizando costumes e prácticas antiguas para o mundo moderno

Palabras clave:

Diseño descolonizador; Diseño indígena; Ngāti Moko; Conocimiento Māori; Urupā tautaiāo.

Esta investigación sobre urupā tautaiāo (entierros naturales) es un proyecto financiado por Marsden con una agenda de descolonización. Presenta una oportunidad pragmática para que maoríes reevalúen, reconecten y adapten las costumbres y prácticas antiguas al mundo moderno. El enfoque de salida de la práctica de diseño es la restauración de tumbas existentes ubicadas en el urupā (cementerio) de Ngāti Moko, una hapū (subtribu) de la tribu Tapuika que ocupa tierras ancestrales en el centro de la Isla Norte de Nueva Zelanda. En preparación para el desarrollo de la tumba, se llevó a cabo una serie de hui a hapū (reuniones tribales) para involucrar y alentar a la participación en la investigación. El diseño final, que honra las prácticas tradicionales anteriores a la colonización, involucró la colaboración entre la tribu, un ecologista y un arquitecto paisajista. Hui a hapū incluyó talleres que exploraban las antiguas prácticas funerarias. Aunque los maoríes anteriores al contacto enterraban a sus muertos en una variedad de formas ambientalmente sostenibles, las prácticas funerarias han cambiado drásticamente debido a la colonización. En consecuencia, los maoríes han adoptado prácticas europeas perjudiciales para el medio ambiente que incluyen embalsamamiento químico, lápidas de hormigón y contaminación del agua y el suelo. Conscientes de la diversidad tribal, los tangihanga poscoloniales (funerales tradicionales maoríes) incorporan creencias y prácticas consuetudinarias distintivamente maoríes y europeas. Afortunadamente, también han conservado la esencia de las tradiciones maoríes tūturu (auténticas) que refuerzan la identidad tribal y la cohesión social. Las tradiciones tūturu

se incorporan al diseño de la tumba. Rodeada de lápidas convencionales y utilizando únicamente materiales naturales, la tumba aspira a capturar la belleza de la naturaleza adornada con motivos culturales distintivos maoríes. Las plantas nativas de bajo mantenimiento se cruzan con cuatro pou (tallas tradicionales) que llevan pūrākau (narrativas sagradas maoríes) de la vida y la muerte. Este concepto dialéctico se acentúa en el pou que representa a Papatūānuku (Madre Tierra). Grabado en su útero, hay un cordón umbilical enrollado que hace referencia a la vida, recordándonos que, aunque en la muerte volvemos a su vientre, también es un lugar que nutre la vida. Hoki koe ki a Papatūānuku, ki te kōpū o te whenua (regreso al útero de Papatūānuku) se escucha a menudo durante los discursos rituales en tangihanga. El pou también conmemora nuestra conexión con los dioses. Según las creencias maoríes, los padres primitivos Papatūānuku (Tierra) y Ranginui (Cielo) vinculan genealógicamente a las personas y el medio ambiente a través de whakapapa (parentesco). Whakapapa impone a la humanidad, kaitiakitanga (tutela), la responsabilidad por el bienestar del entorno natural. En la muerte, regresar a Papatūānuku de forma natural, da crédito a kaitiakitanga. Esta presentación se centra en un proyecto que alienta a los maoríes a adoptar entierros culturalmente compatibles que sean asequibles, ambientalmente responsables y visualmente estéticos. También tiene el potencial de alentar a otras comunidades indígenas a explorar sus propias formas alternativas, culturalmente únicas e innovadoras para abordar los desafíos modernos de la muerte y el entierro.